

Ser mulher na Ciência: a questão de gênero nas Ciências da Natureza e na Matemática

Renata Rosenthal (PG)¹, Mikiya Muramatsu (PQ)^{1,3}, Daisy de Brito Rezende (PQ)^{1,2}

renata.rosenthal@usp.br; mmuramat@if.usp.br; dbrezend@iq.usp.br

¹Programa de Pós-Graduação Interunidades em Ensino de Ciências da Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

²Departamento de Química Fundamental, Instituto de Química, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

³Instituto de Física, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

Palavras-Chave: gênero, Ciências, mulheres.

Introdução

Muito se discute sobre a desigualdade entre homens e mulheres em diversos campos: elas ainda são minoria na política, nos negócios, passaram séculos sem poder votar e ainda recebem salários menores. As mulheres foram proibidas de estudar nas universidades europeias, desde sua criação, no século XI, até o fim do século XIX. Desde essa época até hoje, diversos estudos foram publicados sobre o tema e, a partir da década de 1970, os estudos de gênero cresceram muito.

Segundo Scott¹ (p.76), o termo gênero “coloca a ênfase sobre todo um sistema de relações que pode incluir o sexo, mas que não é diretamente determinado pelo sexo nem determina diretamente a sexualidade”. Além disso, gênero está ligado a um sistema de relações de poder, que não é sempre o mesmo. As questões de classe, raça e gênero, além de estarem interligadas, podem ser diferentes em determinados lugares, campos, momentos históricos e contextos culturais distintos.²

Segundo dados de 2015, apesar de haver um aumento do número de mulheres nas áreas das Ciências da Natureza no Brasil, elas ainda são significativa minoria nestas áreas (33,1% do total de graduados³) e maioria nas Ciências Humanas e Sociais.

A partir deste cenário, investigaram-se os fatores que podem interferir na não escolha das mulheres pela carreira científica, além de questionar como as poucas que ingressam, mantêm-se na carreira. Para tanto, realizaram-se 10 entrevistas e, a partir desses relatos autobiográficos, foi feita análise de conteúdo dos textos transcritos através de estatísticas textuais das palavras mais citadas (utilizando o software Iramuteq; vide Figura 1), além de uma análise do significado dessas palavras no contexto de cada relato.

Resultados e Discussão

Na análise de dois dos relatos (A e B) das mulheres entrevistadas, o destaque é na palavra mais citada em ambos: “não”. E, ainda, um dos relatos (A) tem como par mais citado as palavras “não” e “mulher” (Figura 1). Um dos pontos importantes do relato A, de uma cientista acadêmica da área de Matemática,

professora em uma universidade pública, foi um momento em que a narradora conta que, ao frequentar eventos científicos, ela sentia que tinha que se vestir de maneira “menos feminina” (seguindo padrões de estereótipos de feminilidades, como maquiagem e roupas) para atribuir mais credibilidade a seu trabalho. Caso ela optasse por ser “mais feminina”, sentia que seria vista como “menos matemática”, ou seja, era, na prática, optar entre ser mulher ou ser matemática.

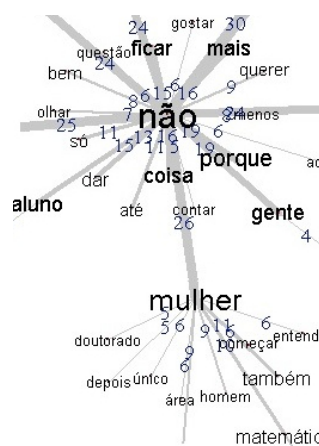


Figura 1. Trecho da representação gráfica dos termos mais citados no relato A.

Conclusões

A partir dos dois relatos já analisados, nota-se que, em um contexto de opressão, a negação é simbólica, já que pode ser um mecanismo de defesa ou sobrevivência. Do relato A, infere-se que “não” e “mulher” mostram que, para permanecer neste meio predominantemente masculino, negar a estereotipada feminilidade seja um recurso para aceitação naquele universo científico. Fazem-se necessários muitos outros estudos para que se possam entender esta e outras dificuldades associadas ao afastamento das mulheres dessas carreiras.

¹SCOTT, J. **Gênero**: Uma categoria útil de análise histórica. Educação & Realidade. v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995.

²CONNELL, R. **Gênero**: uma perspectiva global. São Paulo: nVersos, 2015. 335 p.

³UNITED NATIONS EDUCATIONAL, SCIENTIFIC AND CULTURAL ORGANIZATION (UNESCO). Unesco Science Report: Towards 2030. **UNESCO Publishing**, 2015.